



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

VINICIUS FELIX PEREIRA

A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO INTERVENTIVO PSICOLÓGICO: uma
revisão integrativa.

Icó – CE
2021.2

VINICIUS FELIX PEREIRA

A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO INTERVENTIVO PSICOLÓGICO: uma
revisão integrativa.

Monografia submetida à disciplina de TCC II,
do Curso de Bacharelado em Psicologia do
Centro Universitário Vale do Salgado, como
requisito para a aprovação e nota.

Orientadora: Prof.^a Me. Meury Gardênia Lima
de Araújo

Icó – CE

2021.2

VINICIUS FELIX PEREIRA

A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO INTERVENTIVO PSICOLÓGICO: uma
revisão integrativa.

Monografia aprovada em ____/____/_____, como requisito para a aprovação na disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Me. Meury Gardênia Lima de Araújo
Orientadora

Prof. Esp. Erick Linhares Alves Bezerra
Avaliador

Prof.^a Me. Vanessa Carneiro Bandeira Carvalho
Avaliadora

Icó – CE

2021.2

RESUMO

Na concepção da psicologia sobre o estudo do corpo e do espírito no fenômeno humano, os afetos atravessam e se fazem presentes na história interpretativa e narrada pelo próprio sujeito. Investigando através do método de revisão integrativa da literatura, estabelecendo a questão problema e os objetivos da revisão, tendo como objetivo geral: compreender de que maneiras as imagens fotográficas podem ser empregadas como recurso em intervenções psicológicas. Objetivos específicos, delinear as perspectivas científicas sobre o uso da imagem e refletir sobre a fotografia como um recurso terapêutico. Deliberando critérios de inclusão nos estudos que articulam a fotografia, a psicologia, a intervenção e a subjetividade, dentro de cinco anos, 2017 a 2021. Excluindo trabalhos que relatam os descritores de forma individual. O processo de coleta dos dados se deu na leitura, análise e categorização, expostos de forma descritiva em um quadro: os autores, o ano da pesquisa e uma síntese. Resultando em um panorama das pesquisas que envolvem a utilização da fotografia em atuação interventiva, considerando que a realidade é feita por diversas falas, pontos de vista e percepções, a imagem é um fragmento possível de interpretações e recriações de realidades, mudanças de perspectivas e inclusão social. Descobrimos-as como instrumento para liberar mensagens internas, como um meio capaz de mobilizar a produção de conhecimentos. Considerando a importância científica que o método da intervenção com a fotografia oferece em seu processo sensível, integrativo e dinâmico. Com isso, ampliando o campo de atuação da psicologia ao propor uma diferente perspectiva.

Palavras-chave: Fotografia. Intervenção. Psicologia. Subjetividade.

ABSTRACT

In the conception of psychology about the study of the body and spirit in the human phenomenon, affections cross and are present in the interpretive history and narrated by the subject himself. Investigating through the integrative literature review method, establishing the problem and the objectives of the review, The general objective: to understand how photographic images can be used as a resource in psychological interventions. Specific objectives, delineated as scientific perspectives on the use of photography and reflect on photography as a therapeutic resource. Establishing inclusion criteria in studies that articulate photography, psychology, intervention and subjectivity, within five years, 2017 to 2021. Excluding works that report the descriptors individually. The data collection process took place through reading, analysis and categorization, described descriptively in a table: the authors, the year of research and a synthesis. Resulting in an overview of research involving the use of photography in interventional action, considering that reality is made by different lines, points of view and perceptions, the image is a possible fragment of interpretations and recreations of realities, changes in perspectives and inclusion social. Discovering them as an instrument to release internal messages, as a means capable of mobilizing the production of knowledge. Considering the scientific importance that the method of intervention with photography offers in its sensitive, integrative and dynamic process. Thus, expanding the field of action of psychology by proposing a different perspective.

Keywords: Photography. Intervention. Psychology. Subjectivity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO DE LITERATURA	9
2.1 O SURGIMENTO DA FOTOGRAFIA	9
2.2 IMAGEM COMO REGISTRO NA CIÊNCIA PSICOLÓGICA	10
2.3 IMAGENS COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO	12
3 METODOLOGIA	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

Participando do estudo científico na área da psicologia que envolve o processo de saúde-doença, investigando o ser humano em sua complexidade corpo-mente, o sujeito que é envolvido diretamente nos processos sociais de interação e relação, com isso, observando no meio social a utilização das imagens fotográficas no aparelho celular, na televisão, nas propagandas, nas redes sociais e no ambiente ao redor.

A fotografia é capaz de exibir uma realidade vivida na sociedade, representada em uma tela, ou em papel. Portanto, as autoras Pedrosa e Costa (2017) expressam também uma banalização do olhar que coloca o sujeito a priorizar os registros fotográficos do ambiente e das pessoas na vontade de exposição social, com isso, perde a experiência do registro significativo de guardar um momento, que impossibilita o movimento de refletir sobre os temas fotografados, contudo as pessoas seguem clicando sem dar conta da realidade presente.

Assim, por meio dos registros das “cenas”, sua reprodução e seu uso no mundo contemporâneo, esse trabalho tem como objetivo geral compreender, através de uma revisão integrativa da literatura, a seguinte questão: de que maneiras as imagens fotográficas podem ser empregadas como recurso em intervenções psicológicas? Em vista disso, utilizando como objetivos específicos, delinear as perspectivas científicas sobre o uso da fotografia e refletir sobre a fotografia como recurso terapêutico.

A sociedade em sua cultura imagética, por perceber a grande visualização de imagens ao redor, participa de uma dinâmica repleta de símbolos, assim, tornando um aspecto que conseqüentemente gera interpretações, imaginações e narrativas. Por isso, as imagens se tornam “ilusórias”, mas, considerando que a ilusão nesse sentido não é algo ruim, o que seria possível construir através desse processo?

Descrevendo o processo de intervenção social, individual e terapêutica. Descobrir na pesquisa o uso da fotografia como um artifício a despertar um processo de inclusão e acolhimento, além de envolver mudanças na percepção e no comportamento frente às relações e as dinâmicas sociais.

Como motivação de perceber a utilização das fotografias sendo um registro simbólico que faz parte das dinâmicas sociais, nos retratos midiáticos (instagram, facebook), nos álbuns fotográficos individuais e de família, representando um recorte do tempo com o poder de despertar afetos, relembrar momentos, e elaborar novas significações. Com isso, são

investigadas possibilidades terapêuticas que as fotografias podem gerar no trabalho com intervenções.

Considerando a incipiência no campo científico, percebido pela pouca quantidade de trabalhos publicados, esta temática descreve um importante método interventivo, capaz de recriar muitas possibilidades e transformações sociais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O SURGIMENTO DA FOTOGRAFIA NA SOCIEDADE

Desde a antiguidade, seja por meio da observação ou por mero acaso, o ser humano constatou a existência de certos fenômenos naturais, com isso, passou a utilizá-los em benefício próprio. Segundo Maya (2008) o embrião da técnica fotográfica estava descrito na visão do homem primitivo no ambiente familiar daquele tempo: a própria terra. Ao observar o dia, percebia-se que as imagens situadas ao horizonte formadas naturalmente se alteravam em relação à luz, à sombra e à cor.

Maya (2008) descreve a descoberta de Leonardo Da Vinci que, observando um quarto totalmente escuro com a entrada de luz apenas por meio de um furo, formaria uma imagem invertida na parede em frente a este orifício, nomeado de Câmara Escura. A percepção do mundo configurou um novo desenho na transposição para um plano bidimensional.

Segundo Maya (2008), a fotografia abriu a possibilidade de um mundo imaginário a partir do mundo real fixado como prova de existência, passando a alterar a inserção do ser humano na concepção de tempo e espaço vivenciado, contribuindo para a criação das imagens como testemunhas da própria história.

Segundo Samain (2012), a imagem é um fenômeno combinado dos mais variados aportes para tornar o processo sensível. Para se moldar, precisou de um suporte, de uma máquina, dos jogos de lentes, precisou de uma pessoa, do seu talento, da sua maneira de observar, de pensar e de expressar o que viu. Com isso, as imagens pertencem à ordem das coisas vivas, uma aparição possível pela luz que ilumina os acontecimentos.

Maya (2008) descreve o desejo do sujeito em eternizar os momentos da vida, na busca por congelar o tempo por meio de imagens, a partir disso, surge o Joseph Nicéphore Niépce com formação em química, física e mecânica, que a partir da mistura de várias fórmulas conseguiu fixar quimicamente sobre um papel, depois de oito horas de exposição, uma imagem projetada no interior de uma câmara escura.

É lembrado, segundo Samain (2012), que a invenção da fotografia emergia dos processos químicos e a produção de equipamentos que permitiram fotografar. Com isso, foram acompanhadas de um novo comportamento que mostrava o desejo de registrar os

momentos de vida, das paisagens e da passagem da vida. Tais comportamentos indicavam formas de assegurar a lembrança, o registro e, um tempo que escoava sempre.

O teórico Benjamin (2018) no texto “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, conhecida mundialmente nos diversos campos científicos, propõe pensar o advento da fotografia e a utilização das imagens como representações transmitidas em larga escala, imagens compostas por diversas significações possíveis, estas são representadas por cada pessoa que se dispõe a observar.

Benjamin (2018) discute que a arte no século XVIII tinha um compromisso com uma série de regras que ditava uma originalidade das obras, tornando-as únicas e de consumo próprio, passível a compra em seu alto valor. Essas regras foram substituídas pelo advento da fotografia e sua reprodução em larga escala, pois as imagens estão acessíveis a todos, seja no aparelho celular, na tv ou nas revistas. O valor da eternidade foi substituído pela efemeridade e velocidade dessa reprodução.

“A filosofia da fotografia é a única revolução ainda possível porque vivemos em um mundo de imagens fotográficas, se não entendermos seremos manipulados por elas” (FLUSSER, 2018, p. 109). As imagens transmitidas em grande escala possuem principalmente informações e mensagens a serem captadas por quem observa, algumas imagens possuem uma intenção direcionada a manipular atitudes, outras conduzem uma interpretação subjetiva do sujeito, aí se encontra um perigo, a possibilidade de manipulação em massa através de informações intencionais.

Na “civilização das imagens”, descrita por Samain (2012), o mundo agora é repleto de imagens que, ao mesmo tempo, provoca, ensina, inunda e satura. Imagens que fazem descobrir caminhos desconhecidos, porém, constitutivos do sujeito. Imagens que iludem, fazem perder a visão e a consciência, isto é, o discernimento e a responsabilidade face à própria história. Sendo assim, é necessário redescobrir não apenas as funcionalidades exploradoras das imagens, mas seus profundos e importantes valores de uso.

2.2 IMAGENS COMO REGISTRO NA CIÊNCIA PSICOLÓGICA

Descrito na obra de Didi-Huberman (2015) no último terço do século XIX, o hospital Salpêtrière em Paris continha aproximadamente quatro mil pacientes classificados como “incuráveis” e “loucos”, dentre elas existiam portadoras de doenças venéreas, epiléticas, com alguma deficiência física, entre outras. Jean-Martin Charcot foi nomeado professor de

anatomia patológica, vivenciou processos clínicos com apresentações de mulheres em crises histéricas em uma relação de desejos, olhares e saberes. Restam hoje as séries de imagens da Iconografia fotográfica da Salpêtrière, onde é possível observar poses, crises, gritos, atitudes passionais, crucificações, êxtases e todas as posturas do delírio.

Segundo Didi-Huberman (2015) às observações médicas giravam em torno da fantasia de uma “linguagem-quadro” possuindo-as uma linguagem a integrar o “caso” utilizando a fotografia. Fixado em um espaço bidimensional, a partir de um traçado, que define um rosto, um corpo, uma expressão. A fotografia monta um retrato da doença que seus atravessamentos e causalidades tendiam a ocultar.

Segundo Felizardo e Samain (2007) a chapa fotográfica não é sensível aos mesmos raios que nossa retina, portanto, em alguns casos, poderá mostrar mais que o olho, algo que não teria como perceber. Um sujeito que se apresenta sob diversas formas e que não pode ser apreendido sob nenhuma, um corpo em movimento inacessível ou de grande extensão que não pode ser registrado em uma folha de papel, a fotografia substituiu os processos mecânicos de escrita e/ou desenhos com facilidade, reduz a amplitude do movimento e amplia a escala de observação.

Jean-Martin Charcot buscava compreender a histeria provocando a observação e a interpretação dos fatos. Segundo Didi-Huberman (2015), o método experimental não é a observação, mas uma observação “provocada”, para obter os fatos é necessário fazê-los trabalhar. É na dramaturgia silenciosa que o sintoma se tornava sinal, bastava o médico ordenar um movimento ao doente. Um sinal transformando em criptografias lábeis do sintoma, possíveis de serem analisadas.

A aplicação das fotografias ao estudo das doenças mentais tinha o dever de dar acesso ao retorno à memória, ao cristalizar numa imagem, todo o tempo de uma investigação, e, portanto, de uma história, é possível comparar e memorizar fotografias anteriores para definir mudanças nas anomalias das doenças, sobre o que não existia antes e passa a existir agora.

Maurente e Tittoni (2007) evidenciam o surgimento de uma nova forma de pensar a fotografia em psicologia, utilizando as imagens como estratégia metodológica como uma alternativa de representação e linguagem científica. Assim, a fotografia além de permitir uma representação dos fenômenos observáveis, ela já não aparece como um mero registro do mundo. Com isso os estudos de Jean-Martin Charcot contribuíram para os estudos da medicina e da ciência psicológica.

A fotografia, sendo mais do que um objeto, segundo Rancière (2011), possui uma identidade nua e participa de um sistema de associações. A fotografia poderia, então, mostrar o que nem sempre pode ser descrito e dar visibilidade aos aspectos da vida que antes eram despercebidas, considerando essa produção de conhecimento sobre as coisas não vistas, mas que estão inscritas na imagem e na interpretação, para potencializar as identificações possíveis nas vivências pessoais.

Para produzir uma fotografia, precisou da existência do tempo, do espaço, da luz e da sombra, das cores, linhas, volumes, do ambiente e das formas. Oliveira e Cavalli (2015) combinam assim um processo variado, no qual define a imagem mais do que um objeto, fazendo parte de pensamentos, o lugar combina os aportes mais distintos, como o suporte responsável pelo registro, a influência do produtor e o ambiente que está inserida a fotografia.

A autora Tittoni (2009) como referência por discutir a psicologia e a fotografia no campo científico e interventivo, trata a fotografia como um meio que implica o viver, agir e o conhecer de cada sujeito, como também a possibilidade de mudança no olhar e dos pontos de vista conduzido pelo advento da câmera fotográfica.

Em uma conjunção que envolve ordens técnicas, científicas e políticas, como também os processos de química e da física que permitiram a reprodução da fotografia em seu surgimento, a mesma autora relata uma transformação no campo linguístico e cultural, que amplia a possibilidade científica de pesquisa e o espaço de visibilidade.

2.3 IMAGENS COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO NA PSICOLOGIA.

Segundo Melega (2009), Freud, em sua experiência de analisar seus próprios sonhos, compreendeu que estes guardavam um fragmento significativo relativo aos sintomas. Observando também os relatos de seus pacientes, os sonhos que surgiam eram repletos de emoções, angústias, perseguição, vergonha, etc. Ao perceber que o sonho é uma representação interna e que essa representação surge como forma de imagem, surge aí uma interlocução importante sobre a utilização das fotografias/imagens como instrumento do despertar interno do sujeito. Com isso, o trabalho da Fotolinguagem descreve em sua aplicação a utilização da fotografia como mediador em intervenções.

Segundo Vancheret (2008) o método da Fotolinguagem surgiu de forma totalmente intuitiva no início, em 1965, por um grupo de psicólogos e psicossociólogos, que trabalhavam com adolescentes. Percebendo nesses jovens uma dificuldade de falar em grupo sobre

experiências diversas por vezes dolorosas em suas singularidades, no entanto, a utilização das fotografias feitas por fotógrafos, foram utilizadas como suporte à fala dos jovens, proporcionando uma abertura e expressão espontânea.

A utilização da fotolinguagem expandiu nos campos de atividades sociais e em empresas. Vancheret (2008) descreve que esse método segue no domínio clínico, no viés de “cuidado” que a psicologia propõe. A autora cita um número crescente de grupos envolvendo adolescentes, psicopatas, toxicômanos, pacientes psicóticos, entre outros, com a mediação entre profissionais da psicologia, enfermeiros e psiquiatras.

Seguindo na linha de exposição da mesma autora, ela relata que a composição dos grupos para trabalhar a Fotolinguagem é mediada por um “animador” juntamente de pessoas a dar suporte, chamados de “cuidadores”, e os sujeitos participantes/pacientes. O que torna o grupo com uma dimensão terapêutica é a frequência de encontros semanais em local e horário fixo. A continuidade permite que os mediadores formulem questões com base na evolução do grupo, sendo estas questões nem longas ou complexas demais, estas sendo preparada cuidadosamente a cada encontro. A partir destas questões os participantes escolhem fotos para dialogar dentro do grupo.

O participante tem em mente a questão apresentada enquanto comenta a foto, nisso desperta dois processos que criam uma área de “jogo” que segue sendo descrito por Vancheret (2008), de um lado a questão, de outro a foto. O processo primário o “pensamento em imagens” e o processo secundário “o pensamento em ideias” determinando uma área de jogo em dupla articulação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo. Quando a fotografia surge para o sujeito ela não é mais um testemunho de uma realidade feita pelo fotógrafo. Quando a foto toma um sujeito, quando ele a escolhe, é quando ela se torna imagem, para além de representar uma realidade histórica, ela faz o sujeito pensar, evocar uma história, uma lembrança, uma situação. Uma imagem que mobiliza as imagens interiores associadas e religadas pelo afeto que as sustenta.

O indivíduo interage socialmente, comunica-se com o mundo ao redor por meio do processo de formação e exposição de ideias, em uma construção de um novo conhecimento ao dialogar com outros. Segundo Andrade (2001), abrir um espaço de fala e escuta em um grupo proporciona a troca de experiências, a reflexão e a discussão de temas explorados na atuação do campo, com isso surgem novas influências na vida dos participantes, com uma nova visão

sobre algo, que repercute no surgimento de novas atitudes por parte do indivíduo perante seu trabalho e sua vida.

Ao trabalhar uma pesquisa interventiva, colocando em questão visões de mundo dos sujeitos participantes, segundo Szymanski e Curi (2004) trata-se de uma possibilidade de mudança de paradigmas constituindo-se de uma alternativa epistemológica e não somente metodológica, valorizando o conhecimento humano, origem e definições de cada sujeito participante.

Segundo as autoras citadas anteriormente, o trabalho da pesquisa interventiva implica uma elaboração, pois apresentam uma intencionalidade de mudança. Mesmo objetivando a mudança, há de se considerar o respeito e escolhas de cada pessoa que participa da dinâmica. Isso envolve oferecer serviços de cuidado, explicar detalhes do objetivo, considerar os problemas e soluções no contexto do grupo e planejar com os mesmos esquemas de ação social.

Analisando quatro funções a respeito do uso da fotografia como meio de intervenções, descritas por Koller e Silva (2002), ao fazer uso do recurso fotográfico, a primeira função é a do registro. A fotografia que registra um evento durante o seu acontecimento e, posteriormente, a imagem é tomada como um dado de análise, pessoa ou objeto fotografado. Neste caso, importa o conteúdo presente em cada foto, ou no conjunto delas.

No segundo caso, as imagens são apresentadas aos participantes, fotos que possuem um tema específico. Nessas são analisadas as percepções, falas ou reações das pessoas em relação às imagens. O foco passa a ser das respostas direcionadas e diferentes das fotos apresentadas, observando uma variação nos comportamentos ou percepções dos participantes.

A terceira função da fotografia é denominada autofotográfica. Nesse processo, cada participante recebe uma câmera fotográfica e é instruído sobre como manuseá-la adequadamente. São também desenvolvidas entrevistas com os participantes para levantar percepções a respeito das suas próprias fotografias. Observando diferenças significativas tanto no conteúdo quanto no autor das fotos. Assim, com a percepção em relação às suas próprias imagens produzidas surgindo significados diversos.

Na quarta função, a fotografia é usada como um instrumento de *feedback*. Pessoas são fotografadas por terceiros, e os registros são apresentados posteriormente. Dialogando sobre as diferenças na percepção pessoal, e no esclarecimento de si.

Segundo Koller e Silva (2002), a utilização da fotografia na metodologia interventiva estende-se em diversas áreas, dentre elas, a clínica. Partindo do pressuposto de que algumas pessoas teriam dificuldade em expressar verbalmente determinados temas, a utilização da fotografia poderia auxiliar na comunicação destes significados. Com o material fotográfico é possível modificar a relação entre terapeuta-cliente, também sendo possíveis mudanças nas repetições e angústias expressas no processo.

As habilidades, os conhecimentos de fotografias e a experiência com a câmera não são importantes para a aplicação desse método, a fotografia deve ajudar o sujeito a descrever como vê a si mesmo e suas vivências. Refletindo o valor da fotografia no processo terapêutico.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho possui como objetivo um estudo exploratório destacado, segundo Gil (2002), a importância de ter em vista a construção de hipóteses e novas descobertas de ideias, que de forma flexível proporciona uma familiaridade com o tema. Utilizando a abordagem qualitativa que caracteriza, de acordo com Michael (2015), a síntese de pesquisas científicas a fim de contextualizar com a realidade, como um meio direto para obtenção de dados baseado em pesquisas que sejam fundamentadas na discussão do tema.

O procedimento do estudo é uma revisão integrativa da literatura, que segundo Mendes et al (2008), tem o propósito inicial a obtenção de um entendimento profundo sobre determinado fenômeno, apontando espaços lacunares do conhecimento que precisam ser preenchidos com a realização de outras análises. “Este método de pesquisa permite a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo” (MENDES et al, 2008, p. 760). E, com a avaliação crítica dos textos contribuindo para discussões, resultados e reflexões da pesquisa.

Nesta revisão integrativa da literatura foram percorridas as etapas: estabelecimento da questão de pesquisa; objetivos da revisão; estabelecimento do critério de inclusão e exclusão, síntese dos resultados dos trabalhos coletados; produção dos resultados e discussões por fim, considerações finais.

Os critérios de inclusão utilizados foram artigos que tratam do uso da fotografia como recurso em intervenção em psicologia; trabalhos com interseções entre psicologia e fotografia; trabalhos que contemplam o uso da fotografia como expressão da subjetividade e terem sido publicados nos últimos cinco anos. Enquanto os critérios de exclusão foram pesquisas com foco nas produções fotográficas somente como trabalho artístico; pesquisas que abordam uma análise técnica das imagens unicamente.

O processo de coleta do material foi realizado de forma sistemática. Com pesquisas desenvolvidas nas bases de dados científicos, tais como: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico, com os descritores: “fotografia”, “psicologia”, “intervenção” e “subjetividade”. No portal de periódicos SciELO foi encontrado um artigo, utilizando a combinação dos descritores: Fotografia e Intervenção. Já no Google Acadêmico foram encontrados três artigos, o primeiro utilizando a combinação dos descritores, sendo eles: “Psicologia”, “Fotografia” e “Intervenção”, o segundo utilizando “Psicologia” e

“Fotografias”, e o ultimo utilizando os descritores “Intervenção”, “Fotografia” e “Subjetividade”. O período da coleta foi de Março a Abril de 2021.

Para o processo de coleta dos dados os materiais foram lidos, categorizados e analisados. Expondo de forma descritiva em um quadro: os autores, o ano da pesquisa e uma síntese dos resultados, sendo possível um panorama das pesquisas que envolvem a utilização da fotografia em atuação interventiva. Propondo, dessa maneira, um diálogo com os autores abordados na base bibliográfica desse trabalho. Enquanto o processo de análise dos dados foi realizado uma síntese, a interpretação das discussões dos artigos e a apresentação dos resultados criando uma discussão de forma significativa com o propósito de conhecer diferentes argumentos científicos, agregando mais conhecimento ao estudo em questão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresenta-se um quadro descrevendo brevemente os artigos coletados para análise e discussão. Expondo os nomes das autoras, o ano de publicação e um breve resumo dos resultados de cada estudo. Foram coletados quatro artigos que contemplam os critérios de inclusão.

Quadro 1 – Síntese dos resultados

Autoras	Materiais inclusos na pesquisa
SOUZA; DUGNANI; REIS. (2018)	O artigo apresenta uma pesquisa-intervenção realizada numa escola pública da periferia da Grande São Paulo, utilizando documentários e fotografias junto a perguntas para favorecer os processos reflexivos. Propondo refletir o trabalho do psicólogo, favorecendo formas do sujeito ser e agir no mundo. As autoras relatam o efeito que a intervenção produz no outro, na produção do grupo e a promoção de novas formas no desenvolvimento das relações. Com a utilização da arte como mediadora do processo de ressignificação da realidade, assim como promotora de processos criativos os adolescentes a se projetar no futuro relatando a interpretação de uma estudante de 15 anos que elabora visões e afetos marcantes resultante da observação de fotos do Sebastião Salgado, transformando imagem em palavra, potencializando o afeto e a imaginação.
PEDROSA; COSTA. (2017)	O texto propõe reflexões sobre os modos de produção, leitura e interpretação das mensagens contidas nas imagens fotográficas, articula fotografia com educação destacando conceito que possam ser utilizados para embasar práticas educativas nos campos de estética, no campo histórico e cultural. Discute os conceitos de visão, visualidades e visualização. O sujeito capaz de “ver” em seu aspecto fisiológico, registrando uma imagem que diz de um lugar sociocultural, com isso visualiza de modo subjetivo uma articulação interpretativa sobre a imagem fotográfica. Associando a fotografia como proposta interventiva nas práticas educativas.
ZANELATO; WERBA. (2017)	Em uma pesquisa bibliográfica as autoras propõem compreender a relação entre a psicologia e a fotografia na expressão da subjetividade. Investigando possibilidades de uso da imagem, tanto como recurso terapêutico quanto como expressão da subjetividade. Refletindo a passagem da fotografia no campo artístico na proteção da memória e a comprovação de fatos, considerando as fotografias como condutoras, comunicativas e interpretativas.
PALADINI. (2019)	O artigo apresenta uma pesquisa de mestrado em andamento, na qual uma pesquisadora-professora levanta questões sobre: quais as narrativas possíveis as fotos podem gerar? Citando a fotografia como espaço de cultura, inclusão e expressão. Observando a dinamicidade das narrativas das trajetórias dos estudantes, com um momento de troca com os alunos a autora desenvolve a análise e discussão. O trabalho ainda em processo acredita que é pelo contato entre pessoas que brotam relações humanas empáticas e sensíveis.

FONTE: PEREIRA (2021).

O trabalho da psicologia abrange o estudo do corpo e do espírito no fenômeno humano e sobre os afetos que atravessam e se fazem presentes na história interpretativa narrada pelo próprio sujeito. Desse modo, este trabalho reflete sobre os campos de atuação da psicologia e a possibilidade da utilização de fotografias para mediar intervenções.

Outrossim, compreende-se possibilidades para utilizar fotografias como um recurso/instrumento em intervenções psicológicas, em trabalhos científicos que descrevem intervenções educacionais, psicológicas e mobilizadoras de mudança, entre outros aspectos e lugares. E, fazendo um resgate da fotografia como um artifício potencial de movimentar o sujeito em um processo de acolhimento, inclusão e imaginação, retornando ao caráter sensível que a fotografia significa.

Na reprodutibilidade técnica descrita por Benjamin (2018) em expansão na sociedade rompendo com o valor de “obra única” também amplia outro olhar, debatido no estudo das autoras Pedrosa e Costa (2017), a criação das câmeras digitais tornaram maiores os números de registros, possibilitando apreciar o resultado de forma imediata, sem gastar tempo e dinheiro com revelação.

Assim, desenvolve-se uma pesquisa que envolve a atuação interventiva, as autoras Sousa, Dugnani e Reis (2018), rompem com a função de observador dentro da pesquisa e colocam-se ativamente no processo de atuação, a construir novos sentidos dentro da ciência, considerando que a intervenção promove ações que transformam os sujeitos.

As autoras Pedrosa e Costa (2017) revelam que a fotografia participa de um tempo passado-presente, pois ao observar uma foto ela é sempre atualizada no presente, quando recria um sentido de interpretação sobre o que “chama atenção” e sobre o que afeta, encontrando novos conteúdos.

A autora Paladini (2019) transmite o movimento da fotografia como uma assimilação da sociedade, um recorte de um ponto de vista, que é transformado diante de significações e interpretações de terceiros. Essa cena social produz uma história contada, seja por quem produz a foto ou por quem a observa.

A fotografia tem uma expressão importante na sociedade por ter um caráter enigmático, entretanto, nas palavras de Tittoni (2009) descrita no referencial, que segue discutindo a relação da fotografia com a psicologia, relatando que a imagem transmite um fato e por outro lado recria algo a partir da percepção imagética dos sujeitos, nesse caso a

fotografia surge como conservação e criação. Conserva-se o registro guardado na memória, possibilitando recriar e retornar a lembrança, sempre em um tempo diferente daquele vivido na foto.

Ademais, Pedrosa e Costa (2017), apresenta que a produção de imagens foi utilizada de modos individuais e coletivos, como objeto mediador a fim de transmitir uma mensagem. Com isso, percebe-se que a imagem fotográfica é produzida porque é direcionada a alguém, ou seja, existe um direcionamento nas imagens, um mecanismo social que reproduz realidades visuais.

As autoras Pedrosa e Costa (2017) propõem refletir sobre a fotografia e a educação, entendendo o modo didático constituído por um conjunto de padrões sistemáticos e prescrições a serem seguidas dentro da dinâmica de ensino em instituições escolares. Incluindo a fotografia como proposta interventiva, considerando-a não apenas como uma imagem, mas em sua capacidade textual, a fotografia em contexto sócio-histórico transfere a criação de uma narrativa em relação aos sujeitos, produzindo textos imagéticos.

Assim, surge uma ligação entre estudos sobre educação, as autoras Souza, Dugnani e Reis (2018) descrevem duas intervenções específicas, a primeira assistindo ao vídeo do fotógrafo Sebastião Salgado intitulado “O drama silencioso da fotografia” com a apreciação e diálogos das fotografias, a segunda intervenção teve a proposta dos estudantes produzirem uma escrita a partir da escolha da imagem que tivesse impactado.

Com o intuito alcançado para promover a reflexão de temas socialmente importantes sobre trabalho, condições sociais, culturais e econômicas, construindo assim, limites e novas possibilidades de ação. Movimenta-se a imaginação, percebendo o processo da vida expressa nas fotografias, e na realidade de cada sujeito, como consequência o desdobramento da consciência dos jovens.

O trabalho das autoras Souza, Dugnani e Reis (2018) apresenta um texto de uma aluna de 15 anos que expressa a escrita de um texto expressando os afetos pela visualização das fotografias marcantes feitas por Sebastião Salgado, percebendo um recorte de uma narrativa afetuosa, como se aquela jovem estivesse no lugar do próprio fotógrafo que vivencia as cenas. A atuação interventiva movimentou a imaginação da estudante que se coloca na posição do fotógrafo, ao imaginar aquele cenário, ela cultiva uma relação e uma emoção, um ato não vivido anteriormente, uma nova camada às fotografias.

Por certo, definindo três processos ao observar uma fotografia, as autoras Pedrosa e Costa (2017) apontam que o sujeito vê uma foto a partir da sua capacidade fisiológica de enxergar, porém, o sujeito cria uma percepção subjetiva sobre o que é captado na imagem criada a partir do meio sócio-histórico-cultural. O que se é compreendido na imagem fotográfica diz dos valores, da memória e da atenção, sendo nomeado como visualidades, que só é criada com a vivência no mundo externo, por meio de outras relações sociais que atravessa o sujeito colocando a associar novas percepções.

E, ao propor que a imaginação é constituída por imagens, como é descrito por Sousa, Dugnani e Reis (2018), a estrutura da imaginação possui um processo de significação pelo afeto, este possui fator principal para o caminho de compreender a imaginação constituída em cada sujeito, com isso, ele percebe fenômenos além da observação direta.

Encontrando o diálogo sobre a educação do/para olhar de forma ampla a atuação profissional em instituição, as autoras Pedrosa e Costa (2017), concebem que a leitura de uma fotografia se trata a princípio do sentimento que gera em cada sujeito, a identificação ou não com a foto, o relato dos traços marcantes que constroem uma narrativa, são aspectos de apreensão da imagem, capaz de potencializar processos comunicativos. Ampliando o modo de ensinar, e assim desenvolve uma relação transferencial positiva com os alunos.

Constrói-se um diálogo com a arteterapia e a fotografia, as autoras Zanelato e Werba (2017), consideram que a arte desperta uma elaboração que não é inteiramente objetiva sobre o que foi feito pelo sujeito, mas reflete o processo de reconstrução do caminho que permitiu o sujeito expressar emoções, criando algo além das imagens, produzindo novos sentidos para às vivências.

Já a autora Paladini (2019), sem a intenção de cobrar aspectos técnicos tais como enquadramento, foco, ou iluminação, tem presunção em trabalhar a fotografia como possibilidade de refletir realidades. Se mostrando disposta a contribuir para os estudantes do ensino médio que frequentam uma escola na região metropolitana do Rio de Janeiro, com uma metodologia sensível, de modo a despertar conhecimentos de forma menos autoritária e mais interativa.

A autora Paladini (2019) relata a intervenção com os alunos que apresentam as fotografias produzidas no próprio celular. Assim, com o resultado das narrativas percebe-se um novo processo educacional que desperta a expressão e a percepção própria de cada aluno

na autoconstrução de histórias, surgindo algumas resistências daqueles que vivem nas camadas sociais da periferia.

No mesmo estudo, Paladini (2019) propõe o diálogo com os próprios sujeitos para descobrir o que é fundamental na intervenção, ampliando a possibilidade de construir novas narrativas, construção e desconstrução de ideais, verdades e alienações. Dessa forma, esta proposta surge como modo de inclusão para criar novos pontos de vista de forma grupal.

Na imagem fotográfica que é feita pelo próprio sujeito, é caracterizada como uma forma de facilitar a comunicação, despertando sentimentos pelo ato de fazer a foto e de apreciar. Visto que um movimento é criado sobre a linguagem da fotografia, ao ponto que esta é carregada de elementos emocionais que vão além da narrativa expressada verbalmente. As autoras Zanelato e Werba (2017) compõem essa afirmativa e ressaltam a fotografia como um instrumento de expressão e uma ferramenta que pode auxiliar em tratamentos psicológicos redescobrimdo elementos reprimidos dos sujeitos.

A pesquisa relata que as fotografias servem como instrumento para liberar mensagens internas, seja por meio da produção das imagens ou pela observação delas, esse é um meio capaz de mobilizar a produção de conhecimentos. Consideram-se os diversos campos possíveis de atuação, nos trabalhos coletados, aparece a atuação interventiva nas instituições de ensino, podendo avançar também na atuação nos espaços públicos de atendimento, com a criação de grupos na comunidade. Como também, reforçar a criação de álbuns fotográficos nas famílias, proporcionando discussões sobre a dinâmica familiar. E, utilizar as fotografias para potencializar a memória de idosos moradores de asilo.

Na conversação entre psicologia e fotografia descrita pelas autoras Zanelato e Werba (2017), aponta tópicos a serem analisados nas intervenções com fotografias, questionando o sentido evocado no sujeito pela fotografia, o objeto escolhido a ser fotografado, os objetos que não foram escolhidos, mas que aparecem na imagem, o depoimento do autor sobre a foto, reflexões sobre o ato de fotografar. Percebendo que o autor da foto tem a escolha do que captar naquele espaço, considerando a interpretação subjetiva.

E, afirmando também que o espectador ao observar a fotografia de outro autor é considerado um intérprete, pois ele nota, olha e pensa conforme seu afeto, valorizando o trabalho em grupo para além da clínica individual, pois o sujeito pode trabalhar a partir da interpretação da foto do outro, evocando suas próprias percepções e sentimentos, percebendo

o outro em si mesmo, no processo de descoberta ao enxergar além do que se apresenta na imagem.

Corroborando com a autora Tittoni (2009) citada no referencial, ao perceber uma ligação necessária ao pensar a fotografia no campo da psicologia, destaca o movimento de colocar a fotografia em análise, percebendo uma dinâmica infinita de significações pelos processos complexos que perpassam o tempo, a intencionalidade e a forma imagética que cada sujeito é capaz de recriar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação científica referente aos objetivos delimitados no início foi respondida, conseguindo ampliar a perspectiva a respeito da temática, sendo possível atingir um complemento para uma área de estudos ainda em construção, descobrindo outras áreas possíveis de aplicação e investigação.

Contudo, percebe-se a funcionalidade de uma intervenção enquanto ferramenta mobilizadora de inclusão, integração e expressão dos sujeitos, indo além de um espaço clínico individual na ampliação para outros ambientes. Utiliza-se a imagem fotografia como potência terapêutica, encontrando alguns modos de aplicabilidade e reflexão a partir das significações possíveis que as fotografias propõem.

E, percebe-se a realidade presente na atualidade que existe uma banalização da imagem enquanto um aspecto que caracteriza a exposição de si, outro exemplo, seria a utilização das imagens nas propagandas que querem manipular a sociedade no modo capitalista e consumista, ou a utilização da imagem na mídia que manipula informações e com isso consegue movimentar uma grande massa social a um desastre.

Com isso, quais possibilidades poderiam ir além destas citadas anteriormente, utilizando a imagem fotográfica no campo da psicologia? Considerando que o campo de atuação da psicologia tem um exercício diverso, um movimento acolhedor, que é capaz de promover mudanças, antes de tudo em seu caráter científico.

Ademais, percebe-se a dinamicidade dos campos de atuação da psicologia, quanto ao público diverso a ser atendido, observa-se uma aplicação interventiva bem estruturada, considerando os objetivos, motivos e demandas referentes aos sujeitos que irão participar. Certamente, esta será transformadora, uma formação que não se conclui, mas mobiliza ao futuro.

Encontrando os termos “artifício”, “Fórmula”, “Porta”, “Saída” nas pesquisas sobre intervenção com a utilização de recursos, remete uma associação à possibilidade de atuar a intervenção com a fotografia na Redução de Danos nos ambientes de processos saúde-doença, um assunto não discutido neste trabalho, surgindo como possibilidade de pesquisas futuras.

Em suma, destaco essa pesquisa como importante no meio acadêmico por propor um método que possibilita a inclusão e a expressão dos sujeitos nos espaços das políticas públicas, além de ampliar a atuação profissional da psicologia nos ambientes, valorizando o estudo e a estruturação de uma intervenção para que esta seja bem aplicada. E, contribuindo também com o acréscimo de mais um trabalho nessa temática.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. C. O poder criador do inter-humano no grupo terapêutico. **Revista do VII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica**, 2001.
- BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Zouk. Porto Alegre, 2018
- CAVALLI, F. OLIVEIRA, A. O inconsciente ótico da fotografia. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação**. Natal, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Invensão da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière**. Contraponto, Rio de Janeiro, 2015.
- FELIZARDO, A. SAMAIN, E. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos fotográficos**. V3, n.3, p.205-220. Londrina, 2007.
- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios de uma filosofia da fotografia**. I. ed. E realizações, São Paulo, 2018.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. Ed. 4. Atlas. São Paulo, 2002.
- KOLLER, S. H., SILVA, N. L. O uso da fotografia na pesquisa em psicologia. **Estudos de Psicologia**, 7, 2, 237-250. Rio Grande do Sul, 2002.
- MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- MAYA, E. E. Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem. **Discursos fotográficos**. V4, n.5 p.103-129. Londrina, 2008.
- MAURENTE, V. TITTONI, J. Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. **Psicologia & sociedade**. Porto Alegre, 2007.
- MELEGA, Marisa. P. Imagens oníricas e suas representações. **Ide**, V.32 N.49. P. 99-105. São Paulo, 2009.
- MENDES, K. D. S., SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.
- PALADINI, P. A. Entre o pensar e o fazer: narrativas através das fotografias de quem vive na periferia. *Revista Latino-americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. V. 05, Ed especial, artigo nº 1598. Foz do Iguaçu/PR, 2019.
- PEDROSA, Stella, M. P. A. COSTA, Ana, V. F. Fotografia e educação: possibilidades na produção de sentidos dos discursos visuais. **Nuances: estudos sobre Educação**. V. 28, N. 1, P. 78-94. São Paulo, 2017.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Destino das Imagens**. Lisboa: Orfeu Negro, 2011.

- SOUZA, Vera L. T. DUGNANI, Lilian A. C. REIS, Elaine de Cássia G. Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. **Estud. Psicol.** P.375-388. Campinas, 2018.
- SAMAIN, E. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**, V.10 n.1 p. 151-164. 2012.
- SZYMANSKI, H. CURY, V. E. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. **Estud. Psicol.** vol.9 no.2. Natal, 2004.
- TITTONI, Jaqueline. **Fotografia e psicologia**. Ed. Dom Quixote. Porto Alegre, 2009.
- VACHERET, Claudine. A fotolinguagem: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa. **Psicologia: teoria e prática**. V.10. P. 180-191. França, 2008.
- ZANELATO, Vanessa, M. WERBA, Graziela, C. Psicologia e fotografia: a subjetividade como protagonista da imagem. **Diálogo**. N. 36, P. 157-168. Canoas, 2017.